



OPINIÃO

TEXTO: ARMANDO COSTA, ODUVALDO
VIANNA FILHO, PAULO PONTES

MÚSICAS: ZÉ KÉTI E JOÃO DO VALE

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

Biblioteca Circulante n.º 04

Tombo:

T015880

Fotos: FERNANDO AMARAL

O show "Opinião" estreou dia 11 de dezembro de 1964, no teatro do Super-Shopping Center da Rua Siqueira Campos, numa realização do Grupo Opinião e Teatro de Arena de São Paulo, com a participação de: Nara Leão, Zé Kéti, João do Vale

Músicos: violão — Roberto Nascimento; flauta — Alberto Hekel Tavares; bateria — João Jorge Vargas
DIREÇÃO MUSICAL: Dorival Caymmi Filho

DIREÇÃO GERAL: Augusto Boal

No dia 30 de janeiro de 1965 Suzana de Moraes substituiu Nara Leão

No dia 13 de fevereiro de 1965 Maria Bethânia substituiu Suzana de Moraes, com direção musical de Geni Marcondes

MÚSICA DE OPINIÃO

Peba na Pimenta, João do Vale e Zé Batista; Pisa na Fulô, João do Vale; Samba, samba, trecho, Zé Kéti; Tome Morcégo, João do Vale; Borandá, Edu Lôbo; Noticiário de Jornal, Zé Kéti; Missa Agrária, trecho da peça musical de Gianfrancesco Guarnieri e Carlos Lira; Carcará, João do Vale e Zé Cândido; Tubinho, Zé Kéti; Favelado, Zé Kéti; Nega Dina, Zé Kéti; Trecho de Deus e o Diabo na Terra do Sol; Segrêdo de Sertanejo, João do Vale e Zé Cândido; Matuto Transviado, João do Vale; Voz do Morro, trecho, Zé Kéti; If I had a hammer, Pete Seeger; I ain't scared of your jail, Pete Seeger; Guantanamera, Pete Seeger; Canção do Homem Só, Carlos Lira e Vinicius de Moraes; Sina de Caboclo, João do Vale e J. B. Aquino; Opinião, Zé Kéti; Mal-me-quer, Cristóvam de Alencar e Newton Teixeira; Insensatez, Tom Jobim e Vinicius de Moraes; Marcha do Rio 40 Graus, trecho, Zé Kéti; Malvadeza Durão, Zé Kéti; Gimba, Carlos Lira e Gianfrancesco Guarnieri; Tristeza não tem fim, trecho de Tom Jobim e Vinicius de Moraes; Esse Mundo é Meu, trecho de Sérgio Ricardo e Rui Guerra; Deus e o Diabo na Terra do Sol, trecho de Sérgio Ricardo e Glauber Rocha; Maria Moita, Carlos Lira e Vinicius de Moraes; Minha História, João do Vale; Marcha da Quarta-feira de Cinzas, Vinicius de Moraes e Carlos Lira; Tiradentes, Francisco de Assis e Ari Toledo; Cicatriz, Zé Kéti e Herminio Bello de Carvalho.

As Intenções de Opinião

Este espetáculo tem duas intenções principais. Uma, é a do espetáculo propriamente dito; Nara, Zé Kéti e João do Vale têm a mesma opinião — a música popular é tanto mais expressiva quanto mais tem uma opinião, quando se alia ao povo na captação de novos sentimentos e valores necessários para a evolução social; quando mantêm vivas as tradições de unidade e integração nacionais. A música popular não pode ver o público como simples consumidor de música; éle é fonte e razão de música.

A música de Zé Kéti tem uma nova riqueza de variação que representa o novo sambista que anda por Copacabana, canta em faculdades, participa de filmes, ouve rádio e disco. A riqueza da variação da música de Zé Kéti representa uma capacidade mais rica de sentir a realidade. A música de Zé Kéti também tem uma nova violência — menos ufanista e mais concreta.

João do Vale descreve quase sempre uma contradição; a vontade e a força de sua gente, o amor que dedicam à terra e a impossibilidade de usá-la em proveito próprio. O lamento antigo permanece, acrescido de uma extraordinária lucidez.

Nara Leão não pretende cantar só Zé Kéti e João do Vale. Para ela, não há um exclusivo gênero de música adaptado à sua voz. Ela é quem tenta se adaptar aos gêneros de música que existem e aos que surgem expressando as nossas aspirações de maior liberdade. Nara Leão não pretende cantar para o público. Pretende interpretar o público.

O show foi escrito junto com os três. Primeiro foram entrevistas — nasceu aonde? Quem é Azurêia? Vivia fazendo tricô pro namorado, Nara? Rua da Golada, hoje é rua João do Vale? Isso não pôe não que vai dar bólo. E mais os álbuns, fotografias, cartas. Aí foi feita uma seleção. Um roteiro inicial. Voltamos a trabalhar com eles. Cada trecho do texto foi dito por cada um de improviso. O texto definitivo aproveita a construção das frases, as expressões, o jeito deles. Tudo era gravado, aí era escrito.

Dai fomos atrás de Cartola, Heitor dos Prazeres, o pai de Cartola, dona Zica, Sérgio Cabral, Elton Medeiros prá ouvir em versos

de Partido Alto. Cavalcânti Proença nos ajudou a achar os desafios mais célebres do Cego Aderaldo. Jorge Coutinho escreveu uma cena usando tudo que sabe de gíria. Antônio Carlos Fontoura traduziu as letras e escreveu a apresentação das músicas de Pete Seeger. Ferreira Gullar traduziu José Martí. Nos ensaios, Boal, Dorival Caymmi Filho, os músicos e mais os três modificaram o texto, a seqüência das músicas, etc. Opinião foi feito mais ou menos assim.

A segunda intenção do espetáculo refere-se ao teatro brasileiro. É uma tentativa de colaborar na busca de saídas para o problema do repertório do teatro brasileiro que está entalado — atravessando a crise geral que sofre o país e uma crise particular que, embora agravada pela situação geral, tem é claro, seus aspectos específicos.

O teatro brasileiro tinha uma tradição de teatro de autor. A criação de um repertório ajustado às solicitações e inquietações do público.

Uma supervalorização intelectual do teatro que tira sua espontaneidade, a importação mecânica de sucessos comerciais da Europa e Estados Unidos, um feitiço do teatro internacional, uma falsa relação de subordinação entre o diretor e o ator que anula o poder

criador do ator brasileiro, a transferência das rédeas da direção cultural do teatro brasileiro para diretores estrangeiros (ao invés de incluí-los no processo geral da criação) terminaram por fazer do nosso teatro um teatro sem autoria, sem deliberação, à matroca. O teatro cá, o público lá.

Não estamos querendo dizer que este nosso espetáculo é a salvação da lavoura, nem nada disso. É um caminho que inclusive tem sido experimentado — Flávio Rangel está inventando espetáculos, o grupo Mambembe montou uma Eletra brasileira, o grupo da Orla faz pesquisas no repertório da Idade Média, o Santa Rosa conseguiu fazer autores escreverem de encomenda.

Além do excelente repertório do grupo Oficina, do grupo Decisão. Além das peças montadas pelo Teatro do Sete, Cacilda Becker, etc. — é preciso aumentar a intensidade da criação do espetáculo. É preciso restabelecer o teatro de autoria brasileira — não somente o teatro do dramaturgo brasileiro — o espetáculo do homem de teatro brasileiro. É preciso que finalmente e definitivamente nos curvemos à nossa força e à nossa originalidade.

ARMANDO COSTA, ODUVALDO VIANNA FILHO,
PAULO PONTES

PRIMEIRA PARTE



APAGA-SE A LUZ DA PLATEIA. SOM DE BERIMBAU

NARA LEÃO
CANTA

Menino, quem foi seu mestre?

A LUZ DOS REFLETORES SE ACENDE. ENTRA JOÃO DO VALE.

JOÃO DO VALE
AO PÚBLICO

Peba é um talu. A gente caça ele pra comer.
Com pimenta fica mais gostoso. Eu vou cantar
"Peba na Pimenta".

Seu Malaquias preparou

Cinco pebas na pimenta

Só o povo de Campinas

Seu Malaquias convidou mais de quarenta

Entre todos convidados

Pra comer peba foi também Maria Benta.

Benta foi logo dizendo

Se arder, não quero, não.

Seu Malaquias então lhe disse:

Pode comer sem susto,

Pimentão não arde, não.

ZÉ KÉTI, NARA LEÃO E JOÃO DO VALE

Benta começou a comer

A pimenta era da braba

Danou-se pra arder

Ela chorava, se maldizia.

Se eu soubesse, dessa peba não comia

Ai, ai,

Ai, seu Malaquias

Ai, ai,

Ai, seu Malaquias

Ai, ai,

Tá ardendo pra danar

Ai, ai

Tá me dando uma agonia

Ai, ai

Você disse que não ardia

Ai, ai

Tá ardendo prá danar

Ai, ai

Que tá bom eu sei que tá

Ai, ai

Mas tá fazendo uma arreliã

ENTRAM EM CENA ZÉ KETI, NARA LEÃO. CANTAM.

BAIXO, AFINAM VIOLÃO.

CANTAM TRECHOS ESPARSOS DE MÚSICAS DE ZÉ KETI E
JOÃO DO VALE.

OS TRÊS

Se alguém perguntar por mim

Meu sentido era Anabela, fia de siã Balbina

Podem me prender, podem me bater

Eu sou o samba, a voz do morro

Lá vai o danado do trem, levando Maria Filó.

DE ESTALO A BATERIA ENTRA. OS TRÊS FAZEM CORO.

OS TRÊS

Morreu Malvadeza Durão

Valente mas muito considerado

Morreu Malvadeza Durão

E o criminoso ninguém viu

Carcará

Pega, malá e come

Carcará

Não vai morrer de fome

Carcará

Mais coragem do que homem

Carcará

Pega, malá e come!

JOÃO DO VALE

COMEÇA SÓZINHO

Pisa na fulô, pisa no fulô

Pisa na fulô, não maltrata meu amor

OS TRÊS

Pisa na fulô, pisa na fulô

Pisa na fulô, não maltrata meu amor

JOÃO DO VALE

Um dia desses eu fui dançar lá em Pedreiras

Na rua da Golada eu gostei da brincadeira

Zé Carangá era o tocador

Mas só tocava pisa na fulô

CÓRO

Pisa na fulô, pisa na fulô

Pisa na fulô, não maltrata meu amor

NARA LEÃO

*Seu Sarafim cochichava a Marviô
Sô capaz de jurar nunca vi forró melhor
Inté vovó garrou na mão de vovó
Vámo embora meu véinho, pisa na fulô*

CÓRO

Pisa na fulô, etc.

ZÊ KETI

*Eu vi menina que nem tinha doze anos
Agarrar seu par, também sair dançando
Satisfeita e dizendo meu amor
Ai como é gostoso, pisa na fulô*

CÓRO

Pisa na fulô, etc.

JOÃO DO VALE

*De madrugada, Zeca Cavanga
Disse ao dono da casa não precisa me pagar
Mas por favor, arranje outro tocador
Que eu também quero pisa na fulô*

CÓRO

Pisa na fulô, etc.

NARA LEÃO

*Mas o gozado é que as meninas que dançaram
Quando chegaram em casa tôdas elas*

Capanharam

*A mais novinha foi perguntar ao vovô
Se é pecado pisa na fulô.*

NARA LEÃO E ZÊ KETI CONTINUAM O CÓRO

JOÃO DO VALE

Meu nome é João Batista Vale. Pobre, no Maranhão, ou é Batista ou é Ribamar. Eu saí Batista. Nasci na cidade de Pedreiras, rua da Golada. Modéstia à parte, a rua da Golada, hoje, chama rua João do Vale. Quer dizer: eu, assim com essa cara, já sou rua. Moro na Fundação da Casa Popular de Deodoro, rua 17, quadra 44, casa 5. Duas horas, sem encontrar ladrão, chega lá. Tenho duzentas e trinta músicas gravadas, fora as que vendi. De quinhentos mil réis pra cima já vendi muita música. Acho que as que são mais conhecida do povo são as músicas mais assim só pra divertir. Elas interessam mais aos cantores e às gravadoras. É só tocar, já sair cantando. Tenho outras músicas que são menos conhecidas, umas que nem foram gravadas. Minha terra tem muita coisa engraçada, mas o que tem mais é muita dificuldade pra viver.

ZÊ KETI

Meu nome é José Flores de Jesus. Sou carioca, de Inhaúma. Tenho 43 anos, sou pai de filhos. Moro em Bento Ribeiro. Uma hora de trem até a cidade. Trabalho no IAPETC, lotado na Av. Venezuela, nível oito. Oitenta contos por mês. Quer dizer — natal sem peru.

Vida de sambista vou te contar. Passei oito anos em estúdio de rádio, atrás de cantor, até conseguir gravar minha primeira música. O samba — A Voz do Morro — “eu sou o samba,” — eu já tinha êle fazia sete anos na gaveta. Ai, êle teve mais de 30 gravações. Até o Carlos Ramirez, o Granada, gravou êle. O dinheiro que ganhei deu para comprar uns móveis de quarto estilo francês e comi três meses carne. Dava pra ir na feira nos domingos e trazer a cêsta cheia de compras.

NARA LEÃO

Meu nome é Nara Lofego Leão. Nasci em Vitória mas sempre vivi em Copacabana. Não acho que porque vivo em Copacabana só posso cantar determinado estilo de música. Se cada um só pudesse cantar o lugar onde vive que seria do Baden Powell que nasceu numa cidade chamada Varre e Sai? Ando muito confusa sôbre as coisas que devem ser feitas na música brasileira mas vou fazendo. Mas é mais ou menos isso — eu quero cantar tôdas as músicas que ajudem a gente a ser mais brasileiro, que façam todo mundo querer ser mais livre, que ensinem a aceitar tudo, menos o que pode ser mudado.

ZÉ KETI E JOÃO DO VALE

Mulher que fala muito

Perde logo o seu amor. *

* Trecho de “María Molta”, de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra.

OS TRÊS

Samba, samba, samba

É tudo que lhe posso oferecer

Foi o que aprendi

Não tive professor

Eu troco um samba por beijo seu, meu amor

O CONJUNTO PARA OS INSTRUMENTOS E TODOS COMEÇAM A BATER PALMAS MARCANDO O RITMO PARA “PARTIDO ALTO”

OS TRÊS

O samba é bom

Batido na mão

O samba é bom

Batido na mão.

ZÉ KETI

Mulher que casar comigo

Tem duas coisas pra escolher

Apanhar quando merece

E apanhar sem merecer

CÓRO

O samba é bom, etc.

NARA LEÃO

Partido alto. Versos de improviso recolhidos com a ajuda de Cartola e Heitor dos Prazeres.

JOÃO DO VALE

Menina se queres vamos

Não te ponhas a imaginar

*Quem imagina cria medo
Quem tem medo não vai lá*

REFRÃO

*O samba é bom
Balido na mão, etc.*

NARA LEAO

*Fui batizada
Na Matriz de Cascadura
Quem é bom já nasce feilo
Quem é bom não se mistura*

REFRÃO

*Ó, piauí
Pula por cima do pau, ô, piauí*

REFRÃO

*Ó, piauí
Pula por cima do pau, ô, piauí*

ZÉ KETI

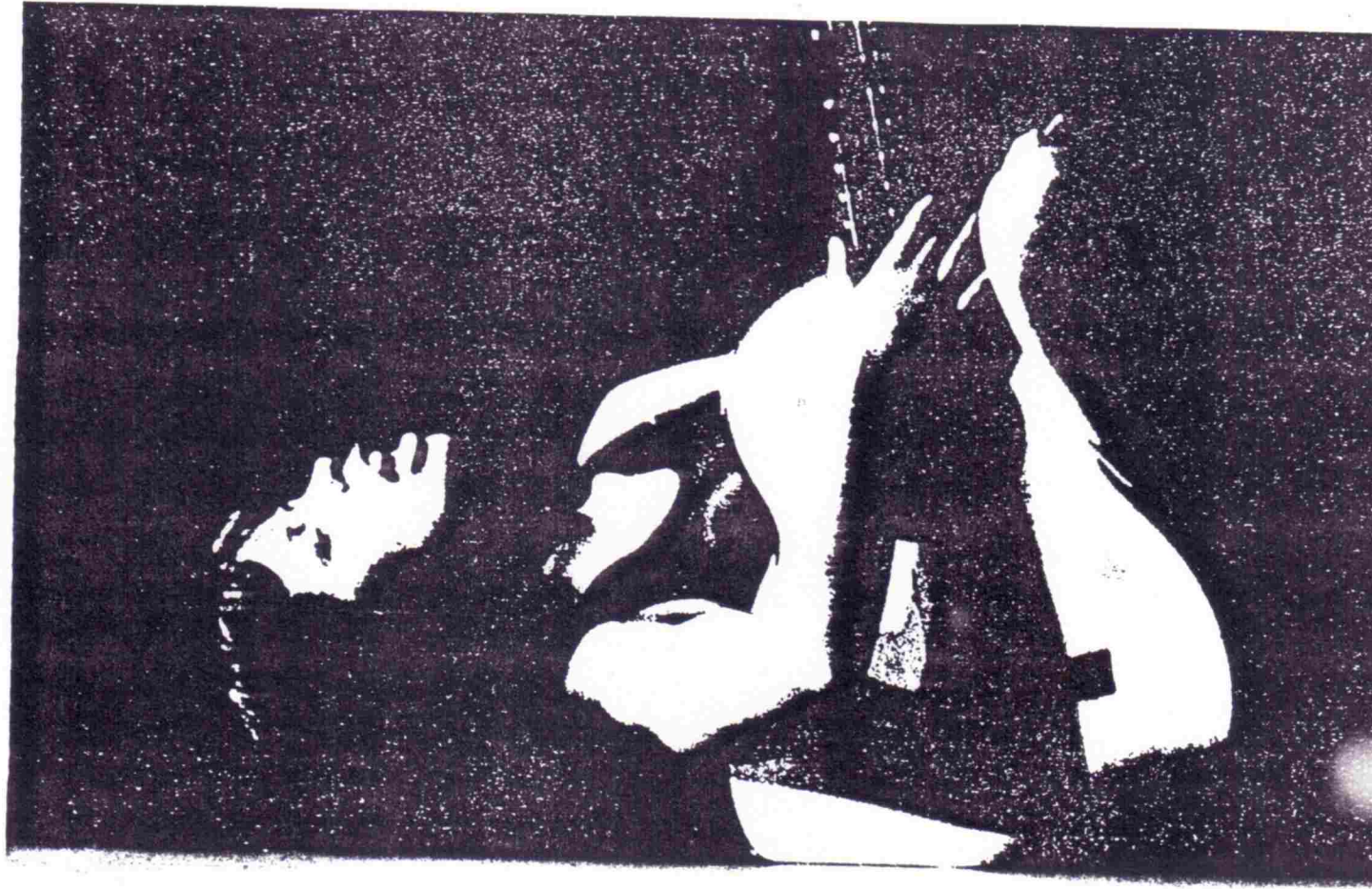
*Menina, casa comigo
Que eu sou boim trabalhador
Com chuva não vou à roça
E com sol também não vou*

REFRÃO

*Ó, piauí
Pula por cima do pau, ô, piauí, etc.*

JÃO DO VALE

Arranjei uma crioula



*Que era o suco da beleza
Todo o dia ela me dava
Cinco mangos pra despesa*

REFRÃO

*Xô, xô, barata
Das cadeiras da mulata
Xô, xô barata
Das cadeira da mulata*

NARA LEAO

*Tava jogando baralho
Na porta do cemitério
Todo mundo tava rindo
Só o defunto tava sério*

REFRÃO

*Xô, xô, barata
Das cadeira da mulata, etc.*

ZÉ KETI

*Prêto não vai para o céu
Nem que seja rezador
Prêto cabelo de espinho
Vai espetar Nosso Senhor*

REFRÃO

*Xô, xô barata
Das cadeira da mulata, etc.*

NARA LEAO

*Eu vou-me embora
Eu não quero mais você*

NARA LEÃO

*Vou lhe jogar no malo
Pra macaco lhe comer*

REFRÃO

*A dona da casa, adeus à
Adeus, à; adeus à*

ZÊ KETI

Quem tiver mulher bonita

REFRÃO

Ai, ai, ai

ZÊ KETI

Traga présa na corrente

REFRÃO

Ai, ai, ai

ZÊ KETI

Eu também já tive a minha

REFRÃO

Ai, ai, ai

ZÊ KETI

Jacaré passou o dente

REFRÃO

*A dona da casa adeus à
Adeus, à, adeus à*

ZÊ KETI

*Nó meu tempo, quando comceei a freqüentar
o samba, o samba era mais duro. Davam per-
nada pra valer. Muitas vèzes só terminava
com a policia, quando a policia entrava na
perna também. CANTA Din, din, din.*

Querem me matar meu Deus

Deixa o bôbo cair

Deixa o bôbo cair que êle é bom caidor

*Hoje tem pouco samba duro. Invés de perna-
da a gente só encosta a perna pro outro en-
trar no samba.*

JOÃO DO VALE

*Eu também sempre gostei de música. Em Pe-
dreiras, pra ouvir música era na banda ou
então no único rádio da cidade do seu Zéca
Araújo que por sinal vendeu umas vacas pra
comprar um rádio. E eu fazia música sôbre
tudo. Até sôbre morcego. Sabe como é morce-
go? Nós caçamos um e abrimos o bicho: é
feito palmito, feito cebola. Vai tirando uma
camada tem outra e mais outra — é esquisito.
E eu fiz essa música:*

O homem é o rei dos animais

A mulher a rainha da beleza

Através da ciência tudo faz

Mala e cura a própria humanidade

Mas tem coisa pequena nesse mundo

Que desafia a ciência de verdade

Tá aqui uma que causa confusão

A ciência não dá explicação

Se morcêgo é ave ou animal

E como é que é feita a geração

Mata um, tem outro dentro dêle

Dentro dêle tem um outro menorzinho

Procurando com jeito ainda encontra

Dentro um outro, um outro morceguinho.

Mas a coisa que mais ficou gravada na minha memória desse tempo foi o negócio do aralém. Quando o rio Mearim enche, dá sempre a sezão, febre de impaludismo. Lá em casa, meu avô estava com a sezão. Ele era bem velho, tinha sido escravo. O remédio que cura a febre é o aralém. É dado pelo govêrno. Mas, chega lá, os chefes políticos dão pra quem é cabo eleitoral dêles. Eles vão e trocam o aralém por saco de arroz. Lembro que muita gente fez isso. Muita gente. Ficou marcado isso em mim, ver um saco de arroz que custou dois meses de trabalho capinando, brocando, ser trocado por um pacotinho com duas pílulas que era pra ser dado de graça.

NARA LEÃO

*Vambora andá **

Que a chuva não chegou

Borandá

Que a terra já secou

Borandá

Já fiz mais de mil promessas

Rezei tanta oração

Deve ser que eu rezo baixo

Pois Meu Deus não ouve, não é borandá, etc.

Vou me embora, vou chorando

Vou me lembrando do meu lugar

Mas é borandá, etc.

Quanto mais eu vou prá longe

Mais eu penso sem parar

Que é melhor partir lembrando

Que ver tudo piorar

É borandá

Que a chuva não chegou

Borandá

Que a terra já secou

Borandá

Que a terra já secou

Borandá

Quando eu tinha doze anos eu ganhei um violão. Eu era muito mais tímida naquela época. Chorava, me escondia atrás do sofá. Me convidavam prá tocar violão, eu fugia. Não ia a praia e morava na Avenida Atlântica. Depois, mais tarde, arranjava sempre um namorado. E ficava tocando violão e fazendo tricô. Estava sempre fazendo uma suéter prum namorado. Mais tarde um pouco tive uma amiga que aprendia ballet expressionista, xilografava, cultura inglesa, aliança francesa, tênis no Fluminense, científico, estava começando carreira com um professor espanhol, fazia pesca submarina, ikibana, montava na Hípica, e ia começar um curso de economia política e

* Borandá, de Edu Lôbo

zen-budismo assim que terminasse o de dicção. Eu fazia só ballet expressionista, xilogravura, violão, pesca submarina e tricô. É a me-lhor maneira de não fazer coisa nenhuma. Só violão, o resto eu não fazia direito. Ai eu comecei a colecionar apelido: caramujo, belinda, vassoura, jacarêzinha do pântano, Greta Garbo, Bernarda Eremita, bobina, Gruta da Imprensa, testemunha.

ZÉ KETI

Esse negócio de apelido, sabe por que é que eu me chamo Zé Keti? É o seguinte: quando minha mãe ficou sózinha prá me sustentar ela foi ser empregada doméstica. E não arranjava emprégo comigo. Então ela me deixava na casa de uns parentes, numa avenidinha. Eu ficava na janela vendo os outros garotos brincar. Ficava empinando papagaio da janela. Parece filme italiano, não é? Ai, minha mãe voltava e eles diziam prá ela — o Zé ficou quietinho. Ih, como o Zé é quietinho. Olha o Zé Quietinho. Zé Quietinho, Zé Quietinho, acabou Zé Keti. Ai, eu comecei a escrever com K, que estava dando sorte — Kubitschek, Kruchev, Kennedy. Mas agora, meus camaradinhas, acho que a sorte michou. Michou.

JOÃO DO VALE

O apelido mais engraçado que eu me lembro é João Piston. João Piston tinha êsse apelido

porque êle estava do nosso tamanho, uns 11 anos, da nossa curriola e chupava o dedo. IMITA COMO Ê

Ai, ficou João Piston. Sempre firme no piston. Mas apelido de lasciar mesmo quem punha era o Cego Aderaldo. Lá no Maranhão todo mundo sabe os versos dêle de cor.

Negro és um monturo

Molambo rasgado

Cachimbo apagado

Recanto de muro

NARA LEÃO

Negro sem futuro

Perna de tição

Bôca de porão

Camisa de saia

Te deixo na praia

Êscovando urubu.

NARA LEÃO E JOÃO DO VALE PREPARAM-SE PARA UM DESAFIO. ENTRA PLAY BACK

PLAY BACK

De Manuel de Cavalcânti Proença, romancista, crítico literário e estudioso da literatura popular brasileira:

“O desafio chega ao Nordeste nas caravclas. O baião nasce da viola dos cantadores. O desafio que vão ouvir agora é um famoso desafio entre o Cego Aderaldo, cantor cearense, e Zé Pretinho, do Piauí. Êsse quase lendário

desafio deu-se na cidade de Varzinha, no Piauí, em 1916 e rendeu na época 80 mil réis. Aproximadamente 300 contos hoje em dia. Quase toda a cidade presenciou um dos mais famosos desafios de que se tem notícia. Note-se que nos dois últimos versos cada cantor propõe um trava-línguas que deve ser repetido pelo adversário”.

JOÃO DO VALE

Cego, minha toada é

Um trabalho garantido

Você prá cantar mais eu

Precisa ser aprendido

Queira Deus me acompanhe, ai, ai, ui, ui

Pra cantar nesse gemido

NARA LEÃO

Se gemer fôr cantoria

Você é bom cantor

Pois gemes perfeitamente

No gemido tem valor

Mas o povo nordestino

Só geme com grande dor

JOÃO DO VALE

Eu vou mudar de toada

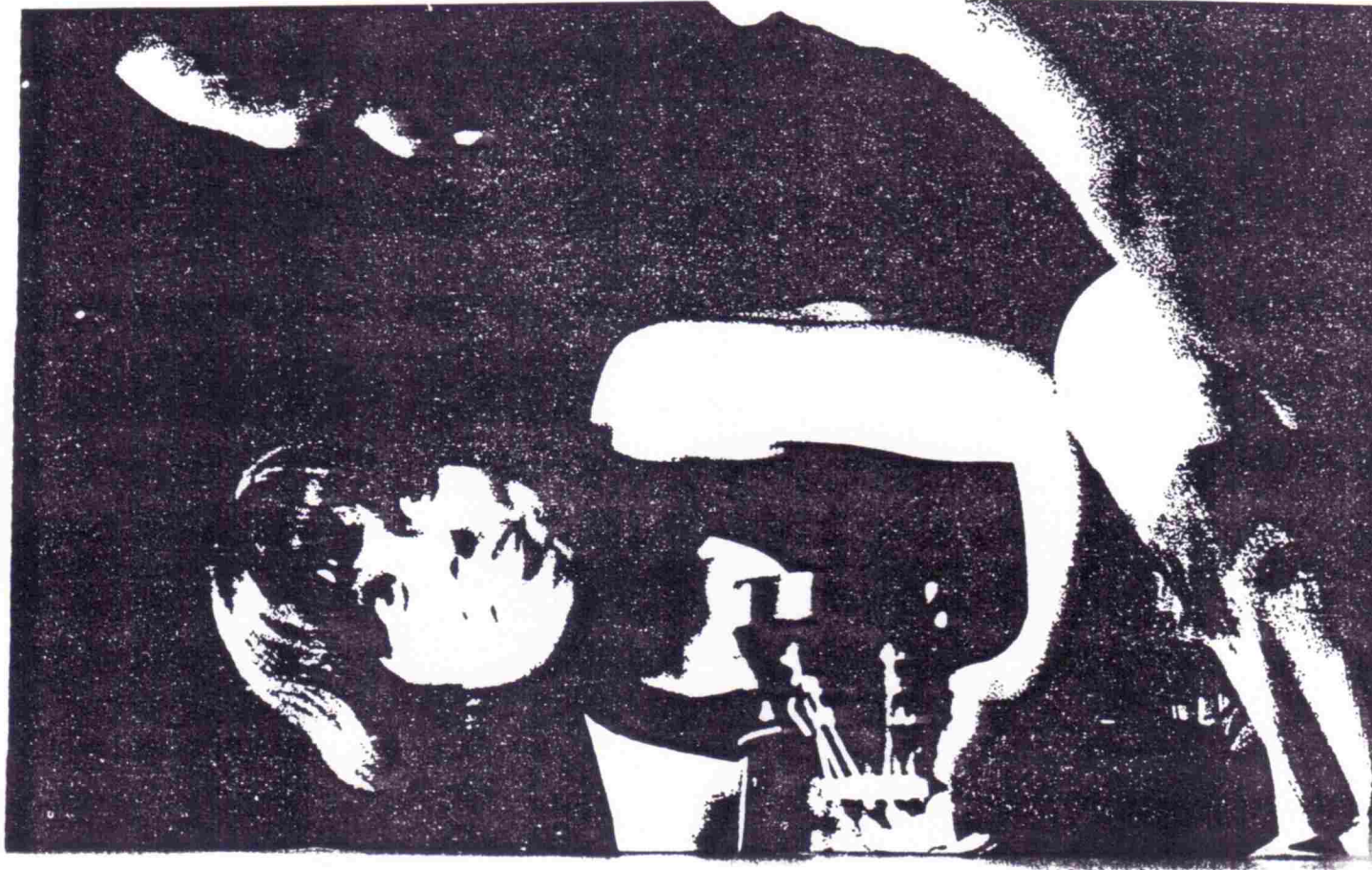
Pra uma que meta médo

Nunca encontrei um cantor

Que desmanchasse êsse enrêdo:

É um dedo, é um dado, é um dia

É um dia, é um dado, é um dedo



NARA LEÃO

*Zé Prêto, ésse teu enrêdo
Te serpe de zombaria
Tu hoje cega de raiva
O diabo é teu guia:
É um dia, é um dado, é um dedo
É um dedo, é um dado, é um dia.*

JOÃO DO VALE

*Cego, respondeste bem
Como que tivesse estudado
Eu também da minha parte
Canto verso apumado:
É um dado, é um dedo, é um dia
É um dia, é um dedo, é um dado.*

NARA LEÃO

*Vamos lá, José Pretinho
Que eu já perdi o mêdo
Sou bravo como leão
Sou forte como penedo:
É um dedo, é um dado, é um dia
É um dia, é um dado, é um dedo.*

JOÃO DO VALE

*Cego, agora puxe uma
Das tuas belas toadas.*

NARA LEÃO

*Amigo, José Pretinho
Não sei que hei de cantar
Só sei que depois da luta
O senhor vencido está:*

NARA LEÃO E JOÃO DO VALE

*Quem a paca cara compra,
Cara a paca pagará.*

JOAO DO VALE

*Eu estou me vendo apertado
Que só um pinto num ovo
E o cego velho danado
Satisfazendo esse povo
Cego, se não fôr massada
Repita a paca de nôvo.*

NARA LEÃO

*Digo uma, digo dez
No cantar não tenho pompa
Presentemente não acho
Quem hoje o meu mapa rompa:
Paca a cara pagará
Quem a paca cara compra.*

JOAO DO VALE

*Cego, o seu peito é de aço
Foi bom ferreiro quem fêz
Pensei que o cego não tinha
No verso tanta rapidez:
Cego, se não fôr massada
Repita a paca outra vez.*

NARA LEÃO

*Arre com tanta massada
Dêsse prêto capivara
Não há quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara:*

*Quem a paca cara compra
Pagará a paca cara.*

JOÃO DO VALE

*Demore cego Aderaldo
Cantarei a paca já
Tema assim só um borrego
No bico do carcará
Quem a caca... ai, não é caca...
Ai, é caca mesmo... não... é...
Diabo! É: quem a caca caca compra...
Caca... caca... ca... ca... rá...*

ZÉ KETT

*Moro longe lá na Zona Norte
E trabalho no centro de nossa cidade
Leio todos os jornais da manhã e da tarde
Para estar a par das novidades.
Foi o jornal que disse*

*Que morrem 500 crianças por dia
Eu digo o que leio, não digo o que vejo
Porque o que vejo não posso dizer
Eu acho que a infância precisa viver
Eu acho que a infância precisa viver
Foi o jornal que disse
Que a vida subiu 400 por cento
Eu digo o que leio, não digo o que vejo
Porque o que vejo não posso dizer
Eu acho que o povo precisa comer
Eu acho que o povo precisa comer
Foi o jornal que disse
Que tem mil escolas pra lecionar
Eu digo o que leio, não digo o que vejo*

*Porque o que vejo não posso dizer
Eu acho que o povo precisa estudar
Eu acho que o povo precisa estudar
Foi o jornal que disse*

*Que 99, que 99, que 99 por cento do povo
Não passa nem na porta da faculdade
Que só 1 por cento pode ser doutor
Coitado do pobre, do trabalhador
Coitado do pobre, do trabalhador*

JOÃO DO VALE

Aí, de Fortaleza eu escrevi uma carta pra meu pai. Perdão, pai, por ter fugido de casa. Não tinha outro jeito, pai. Pedreiras não dá pra gente viver feliz. Não pedi licença porque co-nheço o senhor: é muito pegado com os filhos, não deixaria eu sair de casa só com quatorze anos. Estou em Fortaleza. Sou ajudante de caminhão. Ganho duzentos mil réis por mês mas acho quase certo que não fico aqui. Vou pro sul, pai. Todo mundo está indo. Diz que lá quem sabe melhora. Os meninos que terminaram o quinto ano vão pra Marinha, pra Aviação. Eu só tinha até o segundo, não deu pra ir pra Marinha. Mas não quero mais ficar vendendo banana, vendendo pirulito em São Luís.

NARA LEÃO
CANTA BAIXO

*Pirulito enrolado
No papel enfiado
Papai eu choro*

*Mamãe eu grito
Me dê um tostão
Pra comprar um pirulito.*

JOÃO DO VALE

Juntei setenta mil réis, pai. Vou arriscar minha sorte. Quem sabe dou certo. Sei fazer verso. Lembrança a Duda, Deouro, Rafael, Leprinha, João Piston. Lembrança a Tia Agda, Tia Pituca, Tia Palmira. Peça que o senhor me abençoê. Peça a mamãe pra rezar por mim. Não sei quando vejo o senhor de novo, mas um dia, se Deus ajudar, a gente se vê.

NARA LEÃO

*Glória a Deus Senhor na alturas **

E viva eu de amarguras

Nas terras do meu senhor.

*Carcará **

Pega, matá e come

Carcará

Não vai morrer de fome

Carcará

Mais coragem do que homem

Carcará

Carcará

Lá no sertão é um bicho

Que avoa que nem avião

É um pássaro malvado

* Trecho da peça "Missa Agrária", de Guarnieri e Carlos Lira.
* Música de João do Vale.

Tem o bico volteado

Que nem um gavião

Carcará

Quando vê roça queimada

Sai voando e cantando

Carcará

Vai fazer sua caçada

Come inté cobra queimada

Mas quando chega o tempo da invernada

No sertão não tem mais roça queimada

Carcará mesmo assim não passa fome

Os borrego que nasce na baixada

Carcará

Pega, matá e come

Carcará

Não vai morrer de fome

Carcará

Mais coragem do que homem

Carcará

Pega, matá e come

Carcará

Carcará

É malvado, é valentão

É a águia de lá do meu sertão

Os borregos novinho não pode andá

Ele puxa no imbigo até matá

Carcará

Pega, matá e come

Carcará

Não vai morrer de fome

Carcará

Pega, matá e come.

O CORO CONTINUA MARCANDO — CARCARÁ, CARCARÁ

Em 1950 havia dois milhões de nordestinos vivendo fora de seus estados natais. 10% da população do Ceará emigrou, 13% do Piauí, mais de 15% da Bahia, 17% de Alagoas.

CORO

Carcará

Pega, matá e come

Carcará

Mais coragem do que homem

Carcará

Não vai morrer de fome

Carcará

Pega, matá e come.

ZÉ KETI

A nêga mandou fazer

Um tal de vestido tubinho

E mandou pintar a óleo

Uma flor na altura da barriga

Eu não gostei quis briga, quis briga.

Dessa moda eu não gosto

Eu já disse que não quero

E pra ser muito sincero

Vou dizer uma verdade

É que os homens de hoje em dia

Levam tudo pra maldade

Vão olhar pra flor da nega

E a flor vai virar saudade

Você não pode largar os estudos, não! Tem 13 anos, não pode largar os estudos! — Vou lar-

gar, sim. Largar esse ano, largar o ano que vem, qual é a diferença? — Sei, pra fazer música, não é? — É. Vou trabalhar mas quero ser artista. — Isso de ficar batendo caixa de fôsforo na esquina não é coisa de artista, não. É coisa de vagabundo. Eu queria que você estudasse Odontologia! — Ah, eu não dou pra esse negócio de dentista, não. Ai, eu me mandei de casa. Fiquei mais de um ano ao deus dará. Dormi muito na estação de Engenho de Dentro e Deodoro. Eu dormia, aí tôda manhã, quando eu acordava, meus bolsos estavam do lado de fora, e tinha uma porção de papel no chão. É que os gatos, os larásus, tôda a santa noite me passavam uma revista e só encontravam letra de samba no meu bolso. Ai largavam tudo no chão. Comia na casa dos amigos, às vêzes não comia, ficava no ora veja. Naquele meio eu conheci muito malandro, muito maconheiro. Maconheiro queria que eu fumas-se. Eu, pra não passar por otário, dizia que já tinha fumado, e ia ficando por ali.

NARA LEÃO

Ói, poeta, tá de touca? VEM FUMANDO

ZÉ KETI

Não, meu trato, tenho um apontamento com uma néga.

NARA LEÃO

Ah, vai pra Caxias, tirar seu coquinho? AO PÚBLICO Isso de ir pra Caxias, não é onda, não.

O Caubi Peixoto aí, até hoje, está sempre es-
perando uma neguinha pra levar pra Caxias.

ZÉ KETI

Póí, que é isso, Boa Roupa? Olha minha barra.

NARA LEÃO

Fica à vontade, meu trato, bem baseado.
OFERECE O CIGARRO Toma. Dá uma puxada.

ZÉ KETI

Já peguei.

NARA LEÃO

Pegou de grota. Toma. Manda pra cuca. POE O
CIGARRO NA BOCA DE ZÉ KETI Não tou te cobrando
nada ainda fica de onda?

ZÉ KETI

Brigado mas já peguei camaradinha. Agora
mesmo com o Praga de Mãe e o Coisa Ruim.
Tô doidão, doidão.

NARA LEÃO

Que nada, deixa eu ver o olho. OLHA O OLHO DE
ZÉ KETI Nem tá vermelho!

ZÉ KETI

Ó, meu camaradinha, não fica falando em
vermelho, não, que vermelho tá fora de moda.
Fora de moda.

NARA LEÃO

Tá, tu não é de nada, papo careca. TOM TEM
que fumar a erva pra ir carregando, meu

trato. Só assim a gente não pensa em meter a mão. **METE A MÃO NO BOLSO DE ZÉ** Falar em meter a mão, me adianta uma nota aí.

ZÉ KETI

Tô duro. Durão. Agora sou da linha dura!

NARA LEÃO

TIRA PAPÉIS DO BOLSO DE ZÉ. LE Eu sou o samba, samba. Só letra de samba, ô, Caubi? Letra de câmbio dá mais. **LE ...** Se alguém perguntar por mim, diz que fui por aí...? Que recado é esse meu trato? Diz que fui por aí, não dá o enderço nem nada? Ninguém vai te achar. Tcháu, Caubi. Se a justa dá as caras, diz que fui por aí... **SAI**

ZÉ KETI

O morro sorri a todo momento

O morro sorri mas chora por dentro

Quem vê o morro sorrir

Pensa que êle é feliz

Coitado

O morro tem sede

O morro tem fome

O morro sou eu

Um favelado.

O morro sou eu

Um favelado.

ZÉ KETI

A Dina subiu o morro do Pinto

pra me procurar

Não me encontrando foi ao Morro da Favela com a filha da Estela

pra me perturbar
Mas eu estava no morro de São Carlos quando ela chegou

Fazendo escândalo, fazendo quizumba
Dizendo que levou meu nome pra macumba.
Só porque faz uma semana que eu não levo
uma grana

Pra nossa despesa

Ela pensa que a minha vida é uma beleza
Eu dou duro no trabalho pra poder viver.

A minha vida não é mole, não

Entro em cana tôda a hora sem apelação

Eu já ando assustado e sem paradeiro

Sou um marginal

Brasileiro!

BATUCADA. OS TRÊS SAMBAM. PARA DE ESTALO.

NARA LEÃO

Diz um A-Ave Maria

Diz um B-brandosa e bela

Diz um C-cofrin de graça

E um D-divina estrêla

Esperança nossa

NARA CONTINUA CANTANDO BAIXO

JOÃO DO VALE

Isso aí é uma incelença com as letras do alfabeto. Incelença é música que se canta em vélorio. Vem rezadeira famosa, de longe, pra cantar incelença. Tem cachaça, bolo de fubá,

pé de moleque. Morte é coisa de todo dia. É comum, quando alguém da família está doente, chega um outro e pergunta — como é? quando é que sai os doces? Viajando no caminhão, quando a gente via luz de lampião acesa numa casa de madrugada, podia contar — era velório. De longe se ouvia a cantoria.

NARA LEAO

Mãe dos mortais

Nuvem do brilho

Orai por nós

Por nossos filhos

Diz um MÊ- mãe dos mortais

Diz um NÊ- nuvem do brilho

Diz um O- orai por nós

E um P- por nossos filhos

João Cabral de Melo Neto:

“Como aqui a morte é tanta

Só é possível trabalhar

Nessas profissões que fazem

Da morte ofício ou bazar

Só os roçados da morte

Compensam aqui cultivar

Simples questão de plantar

Que é a morte de que se morre

De velhice antes dos trinta

De emboscada antes dos vinte

De fome um pouco por dia.”

Diz um U- única saída

Diz um VÊ-vital fecundo

Diz um XÊ-x dos mistérios?

E um ZÊ-zelai o mundo

CÓRO

*Te entrega Corisco **

Eu não me entrego, não

Não sou passarinho

Pra viver lá na prisão

Não me entrego a tenente

Não me entrego a capitão

Só me entrego na morte

De parabélum na mão

O sertão vai virar mar

E o mar virar sertão.

*É que eu sou chofer de caminhão **

É que eu sou chofer de caminhão.

CÓRO

É que eu sou chofer de caminhão

É que eu sou chofer de caminhão

JOÃO DO VALE

Ser chofer de caminhão lá no Norte é importante. Tem mais dinheiro. Feito marinheiro quando chega na Praça Mauá. Mulher assim. Chega na cidade, tocando buzina, quatro, cinco buzina. Fon, fon, fon, fon, fon. Chegou a turma do óleo. A gente vai nas festas sujo de graxa e óleo pra todo mundo saber — é chofer de caminhão. Tocou uma buzina, mulher não apareceu na porta, essa não tem roupa. E mulher só pode dizer quatro coisas — Valha-me

* Trecho cantado no filme Deus e o Diabo na Terra do Sol.

• Trecho de música de João do Vale

Nossa Senhora do Bom Parto; xô, galinha; entra pra dentro, menino; e acuda vizinho que meu marido ta me matando. Dois anos num caminhão, dormindo na boléia. Vi gente sovar água. Muita gente. Pedia água. Não dava. Quando acontece seca, não seca de jornal, então muita gente sovina água.

Uricuri madurou

É sinal que arapua já fez mel

Catingueira fulorou lá no sertão

Vai cair chuva a granel

Arapua esperando

Uricuri madurecer

Catingueira fulorando

Sertanejo esperando chover

Lá no sertão

Quase ninguém tem estudo

Um ou outro que lá aprendeu ler

Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor

Que antecipa o que vai acontecer

Catingueira fulora, vai chover

Andorinha voou vai ter verão

Gavião se cantar é estiada

Vai haver boa safra no sertão

Se o galo cantar fora de hora

É mulher dando o fora pode crer

Acauã se cantar perto de casa

É agouro, é alguém que vai morrer

São segredos que o sertanejo sabe

E não teve o prazer de aprender ler.

EMENDA

Coronel Antônio Bento

Quando fez o casamento

De sua filha Mariá

Ele não quis sanfoneiro

Foi no Rio de Janeiro

Contratou Bené Nunes pra tocar

Nesse dia Bodocó faltou pouco pra virar

Olélé, olalá

Olélé, olalá

Todo mundo que mora por ali

Nesse dia não pode arresistir

Quando ouviram o toque do piano

Se alegraram e saíram requebrando

Inté Zé Macaxeira que era o noivo

Dançou a noite tôda sem parar

Que é costume de todos que se casam

Ficar doído pra festa se acabar

Lá pras tantas Bené se enfezou

E tocou um tal de roque a roll

Os matutos caíram no salão

Não queriam mais rote nem baião

E que briga se eu falasse em xaxado

Foi aí que eu vi que no sertão

Também tem os matuto transviado.

Olélé, olalá

Nesse dia Bodocó faltou pouco pra virar.

OS TRÊS

Eu sou o samba

A voz do morro sou eu mesmo, sim senhor

Quero mostrar ao mundo que tenho valor

Eu sou o rei dos terreiros

SAEM. FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

NARA LEÃO

If I had a hammer

I'd hammer in the morning

I'd hammer in the evening

All over this land BIS

Essa é uma música de Pete Seeger, que é conhecida no mundo inteiro, cantada pelo Trini Lopez. Eu nunca tinha prestado atenção direito na letra, porque era um "surf" e a gente tem mania que "surf" é só pra dançar. Mas diz mais ou menos assim — se eu tivesse um martelo, um sino e uma canção eu os usaria de manhã, de noite, em toda essa terra. E eu tenho um martelo, um sino e uma canção. É o martelo da justiça, o sino da liberdade e uma canção que fala do amor entre todos os homens da terra.

It's the hammer of justice

It's the bell of freedom

It's the song about love

Between the brother and sisters

All over this land.

Pete Seeger é um cantor e compositor que percorre os Estados Unidos recolhendo músi-

cas que o povo está cantando. São chamadas canções de protesto. Protest songs. Pete Seeger apresentou-se no Carnegie Hall, no dia 5 de junho de 1963, cantando Protest Songs. Esse "twist" é de Birmingham e diz — eu não tenho medo de sua cadeia porque eu quero minha liberdade agora.

ZÉ KETI

Eu ouvi esse disco na casa de Nara. Primeiro eu achei chato, que o cara canta em inglês e eu estou por fora. Mas aí traduziram. Ia ter uma manifestação de rua contra a segregação. Então um pastor reuniu todo mundo na igreja e disse — olha, vocês andem na fila em silêncio. Se a turma xingar, vocês aguentam, ficam andando. Até chegar a polícia. Ai vocês podem começar a cantar. Então êle foram pra rua. Dali a pouco chegou a polícia. Todo mundo em canal

NARA LEAO

*I ain't scared of your jail
Cause I want my freedom
I want my freedom now.
I want my freedom now.*

Pete Seeger não canta só músicas americanas. Uma das músicas mais aplaudidas no Carnegie Hall foi Guantanamo, com letra de José Martí. José Martí foi um revolucionário cubano do século passado, um dos maiores escritores da língua espanhola, escreveu mais de 70 livros. Esse é um dos seus últimos poemas,

escrito ao voltar do exílio, pouco antes de morrer. O povo fez, de sua poesia, uma canção.

Guantanamo

Guajira guantanamera

Guajira guantanamera

Yo soy un hombre sincero

De donde crece la palma

Antes de morir me quiero

Echar mis versos del alma.

Guantanamera, etc.

Mi verso és de un verde claro

E de un carimim encendido

Mi verso és un ciervo herido

Que busca en el monte amparo

Guantanamera, etc.

O refrão Guajira Guantanamera quer dizer —

Camponesa do Guantánamo

Guajira guantanamera

Con los pobres de la tierra

Quiero yo mi suerte echar

El arroyo de la sierra

Me complace mas que el mar.

Guantanamera, etc.

A LUZ ESCURECE. ENTRA PLAY BACK.

PLAY BACK

De Nelson Lins de Barros, compositor e crítico de música:

"A partir de 1940, com o incremento do rádio e do disco, chegam ao Brasil em grande quantidade as músicas estrangeiras. É mais barato para as companhias gravadoras vender um só

tipo de música no mundo todo. Para isso as músicas precisam ser despersonalizadas. Até hoje, o que há de pior na excelente música americana é que disputa o nosso mercado. Naquela época virou mau gosto ouvir samba. Alguns poucos grandes compositores continuavam compondo. Passamos tão somente a copiar.

ZÉ KETI

Hipócrita

Sencillamente hipócrita

perversa

Te burlaste de mi

NARA LEÃO

Drink rum and Coca-Cola

OS TRÊS

Mambo jambo

Mambo jambo

Mambo jambo

OS DOIS IMITAM O CONJUNTO AMERICANO
"THE PLATTERS"

NARA LEÃO

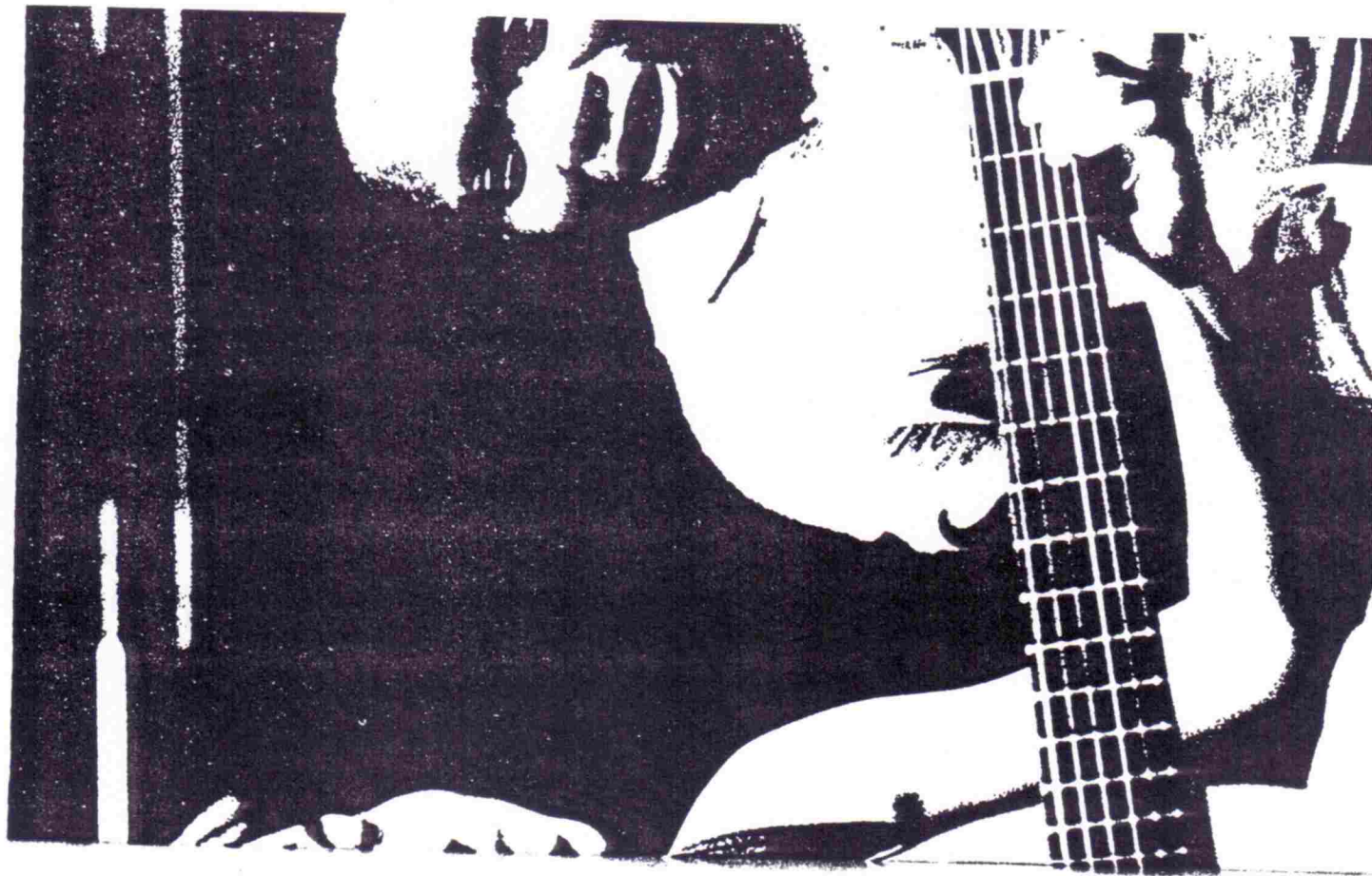
Ê boi

Ê roçado bão

O melhor do meu sertão

Do sertão do Biriguir

Iguar eu nunca vi.



JOÃO DO VALE
Comeram o boi.

ZÉ KETI

Em 1943, o Brasil entrou na guerra. Quando estoura a guerra uma porção de gente vai pra polícia porque polícia é o último que vai pra guerra. Vai daí, eu entrei na Polícia Militar. Lá na PM quem é atleta tem vida mansa, não pega escala dura, horário de ronda de meia-noite às 6. Ai fui pro atletismo porque meu negócio não era fazer muita força. Fui fazer corrida de fundo. Quase todo dia a turma saía lá da São Clemente correndo e tinha que dar a volta na Lagoa Rodrigo de Freitas. A turma estava acostumada a correr e ia embora. Eu atrás. Era sempre o último. Eles ficavam 200, 500 metros na minha frente. Eu estou lá atrás. Eles voltavam pro Batalhão, tomavam banho, iam pro rancho almoçar, almoçavam — eu estou na rua batendo perna. Chegava botando os bofes pela boca. Nessa época os alemães afundaram o navio brasileiro Baependi. Minha turma que fez linha de tiro comigo estava toda no navio. Eu devia estar no Baependi. Por sorte estava batendo perna na rua.

NARA LEÃO

*Vim de muito longe **
Vim de muita dor
Atravessei o mundo

NARA LEÃO E JOÃO DO VALE

* Lamento de um homem só — Carlos Lira e Vinícius.

*Atrás de um amor
Sou um cabra valente
Sou um bom pescador
Eu sou bom de rêde
Eu sou bom de amor
Mas eu estou tão sòzinho
Mais sòzinho não tem
Quem me dá carinho?
Quem quer ser meu bem?
Mas não é que eu me queixe.
Eu não tenho ninguém
Nem pra dar meu peixe
Nem pra dar meu bem.*

JOÃO DO VALE

Eu vim foi do Maranhão, terra de Gonçalves Dias, de Ferreira Gullar. Primeiro num caminhão de Salvador até Teófilo Otôni. Lá tinha um garimpo. Me lembrei que meu avô leu minha mão e disse que eu ia ser rico. Fui pro garimpo arriscar. Cavei, cavei, buraco de três, quatro metros no chão. Cristal, não achei. Pedra Azul também não. Achei foi formigueiro. No quinto formigueiro desisti de ser rico e vim de ajudante de caminhão até o Rio. Dormia montado encima da carga, era saco de arroz. O chofer, pra me pagar, me dava almoço ou janta. Parava num pensão e dizia — Escolhe, neguinho, hoje quer jantar ou almoçar? Aí eu cheguei no Rio com quatrocentos réis no bôlso. Onde é Copacabana, môço? Tá me gozando? Não. Tou chegando. Fui pra Copaca-

bana. Me empreguei numa obra de ajudante de pedreiro. Dormia na obra, só saía de noite. Sem família, sem amigo, sem ninguém.

NARA LEÃO

*Mas plantar pra dividir
Não faço mais isso, não.
Eu sou um pobre caboclo
Ganho a vida na enxada
O que eu colho é dividido
Com quem não plantou nada
Se assim continuar
Vou deixar o meu serlão
Mesmo os olhos cheios d'água
E com dor no coração.
Vou pro Rio carregar massa
Pros pedreiros em construção.
Deus até está ajudando
Está chovendo no serlão
Mas plantar pra dividir,
Não faço mais isso, não.*

JOÃO DO VALE

*Quer ver eu bater
Enxada no chão
Com força e coragem
Com satisfação
É só me dar terra
Pra ver como é
Eu planto feijão
Arroz e café
Vai ser bom pra mim*

*E bom pro doutor
Eu mando feijão
Ele manda trator
Vocês vão ver
O que é produção
Modéstia à parte
Eu bato no peito
Eu sou bom lavrador
Mas plantar pra dividir,
Não faço mais isso, não.*

ZÉ KETI

*Podem me prender
Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um ôsso
E ponho na sôpa e
Deixa andá.
Deixa andá.
Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu*

NARA LEÃO

*Eu perguntei ao mal-me-quer *
Se meu bem ainda me quer
Ele então me respondeu que não,*

* Mal-me-quer de Newton Telxira e Cristóvam de Alencar

*Chorei, mas depois eu me lembrei
Que a flor também é uma mulher
Que nunca teve coração.
A flor mulher*

CORO

*Mas acorrentado ninguém pode amar.
Mas acorrentado ninguém pode amar.
Mas acorrentado ninguém pode amar.*

NARA LEÃO

Eu não gostava de cantar em público. Só resolvi mesmo ser cantora depois de abril de 64. Gostava só de cantar junto com a turma da bossa nova. As vezes a gente ficava três dias virando sem parar, cantando com raiva do bolero. Um dia uma gravadora insistiu muito pra eu fazer um teste. Eu não queria, mas insistiram. Eu fui. Cheguei lá, fiquei esperando quatro horas. Não fui embora porque eu queria que tudo acontecesse comigo, pra ver como eram as coisas. Eu estava no mundo só de testemunha. Ai, eu entrei no estúdio e cantei uma das músicas que mais gostei — A Insensatez do Tom. A música ainda não tinha sido lançada. Um sujeito lá me ouviu.

A insensatez

*Que você fez coração mais sem cuidado
Fêz chorar de dor
Um amor tão delicado
Ah, porque você*

Foi fraco assim

Assim tão desalmado?

Ah, meu coração

Quem nunca amou

Não merece ser amado

Vai, meu coração

ZÉ KETI

Coração, coração, minha filha, coração já está superado. Você não é má, minha filha. Não é má. Mas você tão bonitinha, tão gostosinha, perdendo tempo com coração, coração. Sabe? Sua voz, se você caprichar, joga pro nariz que fica sensual. Isso é que interessa, filha. Voz de cama, entende? Eu te ajudo, te promovo. Vai pra minha casa, põe a voz no nariz e vamos dar um treino.

JOÃO DO VALE

Nessa parte eu tive mais sorte que você, Nara. Nunca ninguém me cantou. Eu trabalhava de servente de pedreiro numa obra da Rua Barão de Ipanema. De noite ia na rádio conhecer os artistas. Depois de dois meses o Zé Gonzaga gravou minha primeira música. Depois de um ano a Marlene gravou "Estréla Miúda". E começou a fazer sucesso. Eu ainda trabalhava e dormia na obra. Perto da obra tinha uma môça que morava perto e tocava o disco o dia inteiro. Eu nunca me achei com coragem de dizer que eu era o autor, mas um dia não

aguentei mais. "Está ouvindo essa música?" "Estou. É a Estréla Miúda". "Sabe quem está cantando?" "É a Marlene." "Sabe quem é o autor da música?" "O autor... não..." "Sou eu." "Que é isso, neguinho? Tá delirando? Traz massa, neguinho, traz massa."

CÓRO

Avante, avante

Avante companheiros

Vamos fazer mais filmes

Muitos filmes brasileiros

Fazer cinema não é sôpa, não

Não é sôpa, não, não é sôpa, não.

ZÉ KETI

Esse é um hino que eu fiz de brincadeira para a equipe do filme Rio 40 graus. Fiz parte da equipe. Foi uma batalha. Primeiro pra filmar. Depois veio a censura. O chefe de polícia dizia que no Rio nunca tinha feito 40 graus. O máximo que tinha feito era 39 graus e 7 décimos. E por aí foi. Juntou todo mundo — jornalistas, estudantes, artistas, todo mundo, e a fita saiu. O cinema brasileiro estava começando de novo.

CÓRO

Brasil, meu Brasil, teu cenário é sem igual

Nós te dedicamos

Rio 40 graus, mais um filme nacional.

JOÃO DO VALE

Cinema era difícil mesmo. Eu trabalhei com o Roberto Farias, o que dirigiu Assalto ao Trem Pagador. È fazia chanchada porque não tinha outro jeito. Depois, ficava sem dinheiro e ia pra fazenda do pai. Lia o livro "Selva Trágica" e dizia — quando é que eu vou poder fazer um filme assim, hein, Sabará?

NARA LEÃO

Foi cinema nôvo, foi bossa nova, foi o teatro que apresentou novos autores brasileiros. Teve uma coisa que eu descobri, que todo mundo descobriu — o Brasil era o que a gente fazia dele. Era uma verdade trabalhosa, mas era uma verdade. O cinema nôvo ajudou muito a música popular brasileira. Pra que ela fiasse novos temas, para que ficasse mais ampla, voltada para grandes platéias, para sentimentos coletivos. "Rio 40 graus" deu "Voz do Morro", "Rio Zona Norte" deu "Malvadeza Durão".

ZÉ KETI

Mais um malandro fechou o paletó

Eu tive dó, eu tive dó

Quatro velas acesas

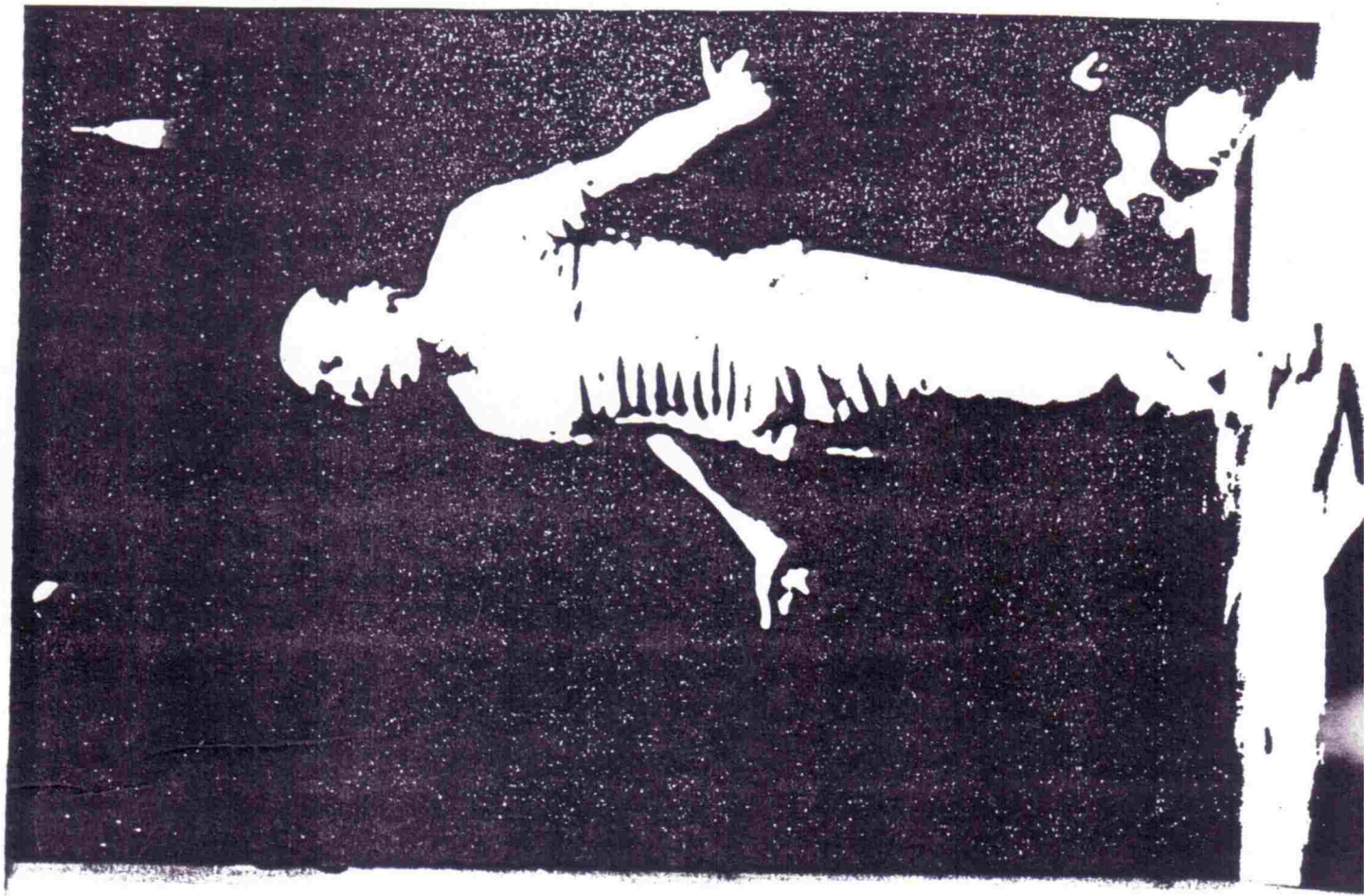
Encima de uma mesa

E uma subscrição para ser enterrado

Morreu Malvadeza Durão

Valente mais muito considerado.

Valente mais muito considerado.



*Céu estrelado, lua prateada
Muito samba, grande batucada
O morro estava em festa
Quando alguém caiu
Com a mão no coração, sorriu
Morreu Malvadeza Durão
E o criminoso ninguém viu.*

NARA LEÃO

Feio, não é bonito

O morro existe mas pede pra se acabar

ZÉ KÉTI

"Gimba" — Carlos Lira e Gianfrancesco
Guarnieri

Canta, mas canta triste

Porque tristeza é só o que se tem pra cantar.

Chora, mas chora rindo

Porque é valente, nunca se deixa quebrar

Ama, o morro ama

*Um amor aflito, um amor bonito, que pede
[outra história.*

OS TRÊS

Tristeza não tem fim

Felicidade, sim.

NARA LEÃO

Vinicius e Tom—"Orfeu".

Tristeza não tem fim.

ZÉ KÉTI

NARA LEÃO

*Esse mundo é meu
Esse mundo é meu.*

JOÃO DO VALE

Sérgio Ricardo e Rui Guerra — “Esse mundo é meu”

NARA LEÃO

Saravá, Ogun

Mandinga da gente continua

Cadê o despacho pra quebrar?

Santo guerreiro da floresta

*Se você não vem, eu mesmo vou
Brigar.*

Brigar.

CÓRO

O serlão vai virar mar

E o mar virar serlão.

ZÉ KETI

Gláuber Rocha — Sérgio Ricardo — “Deus e o Diabo na Terra do Sol”

NARA LEÃO

Está contada nossa história

Verdade, imaginação

Espero que o senhor

Tenha tirado uma lição

Que assim mal dividido

Esse mundo está errado

Que a terra é do homem

Não é de Deus nem do Diabo

Não é de Deus nem do Diabo

Com tudo isso acontecendo a bossa nova avançou. Vinicius deu uma entrevista a “O Cruzeiro”: “Na bossa nova há duas linhas principais — a linha brasileira, cada vez mais identificada com os temas nacionais, pesqui-sando as fontes brasileiras e o pessoal da linha jazzística”. Carlos Lira foi trabalhar com Zé Keti, Cartola, Néelson Cavaquinho, Baden Powell foi colhêr material na Bahia. E a bossa nova deu um nóvo passo.

*Nasci lá na Bahia de mucama com feitor. **

Meu pai dormia em cama, minha mãe no

[pisador

Meu pai só dizia, sim venha cá

Minha mãe dizia, sim sem falar

Mulher que fala muito

Perde logo o seu amor

O rico acorda tarde — já começa a resingar

O pobre acorda cedo — já começa a trabalhar.

Vou pedir ao meu babalorixá

Pra fazer uma oração pra Xangô

Pra pôr pra trabalhar gente que nunca

[trabalhou

Pra pôr pra trabalhar gente que nunca

[trabalhou.

JOÃO DO VALE

Então eu voltei pra Pedreiras. Fui recebido como se eu fôsse o presidente. Puseram meu

* “Maria Molta” de Lira e Vinicius.

nome na Rua da Golada. Foi tudo bem, me-
nos minha terra, que continuava a mesma
depois de todo esse tempo.

Seu môço quer saber

Eu vou contar num baião

Minha história pra o senhor

Seu môço, preste atenção

Eu vendia pirulito

Arroz doce e mungunzá

Enquanto eu ia vender doce

Meus colegas ia estudar

A minha mãe, tão pobrezinha

Não podia me educar.

E quando era de noitinha

A meninada ia brincar

E vigê como eu tinha inveja

De ver o Zézinho contar

O professor ralhou comigo

Porque eu não quis estudar

Hoje todos são doutor

Eu continuo João Ninguém

Pois quem nasce pra pataca

Nunca pode ser vintém

Vê meus amigos doutor

Basta pra me sentir bem

Mas quando todos êles ouve

Um baiãozinho que eu fiz

Ficam tudo satisfeito

Batem palma e pedem bis

Diz-João foi meu colega

Como eu me sinto feliz.

Mas o negócio não é bem eu

É Mané, Pedro e Romão
Que também foi meus colegas

E continuam no sertão

Não puderam estudar

Nem sabe fazer baião.

NARA LEÃO

Eu queria fazer um disco com músicas de
vocês, com música do Sérgio Ricardo, Tom,
Vinicius, Lira, com folclore, com grandes su-
cessos da música brasileira. Um disco de todo
mundo pra todo mundo. Como é o Sina de
Caboclo?

JOÃO DO VALE

Mas plantar pra dividir

Não faço mais isso, não.

CANTA, PROCURANDO ACERTAR

NARA LEÃO

Mas plantar pra...

VOZ INTERROMPE

PLAY BACK

Nara Leão.

NARA LEÃO

Hein?

Voz

Você vai fazer um disco cantando baião,

Nara?

NARA LEÃO
Vou.

Voz
Baião, Nara?

COMEÇA DE NOVO A APRENDER COM JOÃO. UM TEMPO

NARA LEÃO
É.

Voz
Nara. Baião?

NARA LEÃO
É. Baião.

Voz
Nara!

NARA LEÃO
Por que? A constituição não permite cantar
baião?

Voz
Nara. Você é bossa nova. Tem voz de Copaca-
bana, jeito de Copacabana.

NARA LEÃO
Eu me viro. Mas plantar pra...
VOLTA A ENSAIAR

Voz
Nara



NARA LEÃO
Que é?

Voz

O dinheiro do disco você vai distribuir entre os pobres, é?

NARA LEÃO

Ah, não me picota a paciência.

Voz

Você pensa que música é Cruz Vermelha, é?

NARA LEÃO

Não. Música é pra cantar. Cantar o que a gente acha que deve cantar. Com o jeito que tiver, com a letra que fôr. Aquilo que a gente sente, canta.

Voz

Você não sente nada disso, Nara, deixa de frescura. Você tem uma mesa de cabeceira de mármore que custou 180 contos, Nara. Você já viu um lavrador, Nara?

NARA LEÃO

Não. Mas todo dia vejo gente que vive à custa dele.

Voz

Manera, Nara, manera.

NARA LEÃO

Então, me deixa sossegada.

COMEÇA DE NOVO A ENSAIAR
VOZ

Não vai dar certo, Nara. Você vai perder o público de Copacabana, lavrador não vai te ouvir que não tem rádio, o morro não vai entender. Nara, por favor, ninguém mais seu amigo e...

NARA LEÃO

CANTA

*É no entanto é preciso cantar **

Mais que nunca é preciso cantar

É preciso cantar e alegrar a cidade

A tristeza que a gente tem

Qualquer dia vai se acabar

Todos vão sorrir, voltou a esperança

É o povo que dança, contente da vida

Feliz a cantar.

Porque são tantas coisas azuis

Ilá tão grandes promessas de luz

Tanto amor para amar que a gente nem sabe.

Quem me dera viver pra ver

E brincar outros carnavais

Com a beleza dos velhos carnavais

O povo na rua dançando e cantando

Seu canto de paz.

Seu canto de paz.

OS TAMBORES RUFAM

ZÉ KETI

LEIA A "SENTENÇA" DE TIRADENTES EXTRAIDA DOS
AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA

"Portanto, condenam o réu Joaquim da Silva
Xavier, por alcuinha o Tiradentes, a que seja

conduzido pelas ruas públicas ao lugar da fôrca e ali morra morte natural para sempre e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e seja pregada em um poste alto até que o tempo a consuma e o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregado em postes pelo caminho de Minas, aonde o réu teve as suas infames práticas. Declararam o réu infame, e seus filhos e netos, sendo os seus bens confiscados. A casa em que vivia será arrasada e salgada para que nunca mais no chão se edifique".

NARA LEÃO

*Foi no ano de 1789 **

em Minas Gerais

que o fato se deu.

E havia derrame do ouro

Que era um tesouro

Que os brasileiros tinham de pagar.

Esse ouro ia longe, distante

Atravessava o mar

La pra Portugal

Para o rei gastar.

O mineiro que é bom brasileiro

E que é altaneiro, garrou a pensar

Se esse ouro

É ouro da terra

Da nossa terra

Porque é que êle vai

Se juntaram numa reunião

* "Marcha da 4.ª feira de Cinzas" de Vinícius e Carlos Lira.

* "Tiradentes", de Francisco de Assis e Ari Toledo.

Resolveram fazer uma conspiração.

Manoel da Costa

Antônio Gonzaga

Oliveira Rolim

e tem mais um nome

que é o nome do homem

que foi mais herói

êsse fica pro fim.

E o nome do homem

que foi mais herói

aprenda quem quiser:

Joaquim José da Silva Xavier

e que foi chamado

em todos os tempos

por tôdas as gentes

de O Tiradentes.

de O Tiradentes.

Se saber mais tu queres

Lhe digo era alferes

Era um militar

E havia entre os conjurados

Um homem danado, veja o que éle fêz:

seu nome é triste sem glória

Silvério dos Reis, Silvério dos Reis

Escondido feito um bandido

Esse traidor foi correndo

Falar pro governador

Contou tudo, fêz uma tal cena

Que o Visconde de Barbacena

Soltou os milicos na rua

Mandon scutar a pua

Pegar e bater

Matar e prender

Matar e prender

Foi então que pegaram todos conjurados

Encarceraram todos numa prisão

E depois de um tempão foram todos soltados

Só o Tiradentes foi enforcado

Chamando pra si a culpa por inteiro

A culpa de tudo

Foi homem peitudo

Foi bom brasileiro.

Essa história bem verdadeira

Foi a luta primeira que se deu no Brasil

E depois tantas houveram que por fim fizeram

Um Brasil mais decente, um Brasil

[Independente.

ZÉ KETI E CORO

Pobre não é um

Pobre é mais de dois

Muito mais de três

E vai por ai

E vejam só

Deus dando a paisagem

Metade do céu já é meu

Pobre nunca teve pôsto

A tristeza é a sua cicatriz

Reparem bem que que

Só de vez em quando

Pobre é feliz

Ai, tanto desgôsto

Ai, tanto desgôsto

*Assim a vida vale a pena, não
Mas é explicar a situação
Dizer pra ela que
Pobre não é um
Pobre é mais de cem
Muito mais de mil
Mais de um milhão
E vejam só
Deus dando a paisagem
Metade do céu já é meu*

CÓRO

*Mas plantar pra dividir
Não faço mais isso, não.
Podem me prender, podem me bater
Que eu não mudo de opinião
Deus dando a paisagem
O resto é só ter coragem.
Carcará
Pega, matá e come!*



Texto e música de Maria Bethania

TEXTO NÚMERO UM

Meu nome é Maria Bethania Viana Teles Veloso. Tenho esse nome de latifundiária baiana mas sou baiana só. Tenho 18 anos, não consigo sair do ginásio por causa da matemática. Sou filha de um bom sujeito, funcionário do Correio, eu e mais oito irmãos...

Agora sou cantora, mas até os 12 anos eu era meia esquerda do time de Santo Amaro, onde nasci.

Uma amiga minha na Bahia me procurou: — Berré, querem que você vá pro Rio corrente substituir a Nara Leão. Eu disse — sei, minha filha, mas não é possível, também me chamaram de Nova Iorque pra substituir a Ella Fitzgerald mas... — É verdade, Bethania. Era verdade, sim. Ai fui consultar o meu grupo. Nós somos um grupo — jovens cantores, compositores, músicos. Queremos fazer na Bahia o que se faz em todo o Brasil — cantar nossas filosofias e nossas esperanças.

MARIA BETHANIA

Então um do grupo me disse, como bom baiano — Ó, que felicidade! Você deve ir, Bethânia. Não é você quem foi convidada, foi o nosso grupo, foi o trabalho que a gente já fez. Você vai lá, mostra que a Bahia também está na jogada e volta.
Porreta.

Assim eu topei, Estou aqui — em nome da Bahia, em nome do meu grupo — pra dizer que Opinião na Bahia

FALA COM SOTAQUE

se diz Opinião, mas é a mesma. Nosso grupo já fazia samba e cantava e ia ouvir samba de roda — mas depois Zicartola, do Zé Ketil, do João do Vale, da bossa nova — nós resolvemos também cantar da Bahia para o mundo.

TEXTO NÚMERO DOIS. DEPOIS DE BORANDA

Tem de ir embora também da Bahia. É muito difícil ser músico lá. Companhia gravadora baiana só grava jingle

CANTA UM JINGLE BAIANO

rádio paga cachet, pode-se tocar ou ser crooner em conjunto de buate. Mas ninguém lá pôde viver de música. Então a tragédia é essa — pra ser artista baiano, a primeira condição é deixar a Bahia. E a Bahia tem h, tem samba de roda. Muita gente teve de vir embora. Mas nosso grupo resolveu ficar — talvez não dê — mas a gente vai pagar pra ver. A gente vai cantar a Bahia, misturando o que a gente sabe com o que a gente vê e ouve, como esse sam-

ba de roda que ouvi em Santo Amaro, quando era menina:

CANTA

Ai, dindinha.

Eu vinha do mato eu vinha

Com o rabo amarrado lenha

Ai, dindinha

Eu vinha do mato, eu vinha

Até logo.

Lá em Santo Amaro a Bahia não tem muito h, não. Eu passava os dias jogando futebol, de calcinha. Era careca, sem um fio de cabelo na cabeça. Depois nasceu um fio de cabelo todo enroladinho. Ai, quando eu marcava um gol, o povo gritava — foi gol do Pinóquio!

TEXTO NÚMERO TRÊS

Ai nosso grupo na Bahia ficou um pouco mais conhecido. Aqui no Rio, quando alguém fica conhecido, ou é contratado pela TV-Excelsior, ou vai pros Estados Unidos ou vai pra uma embaixada. Na Bahia a gente é convidada prum chá. Então eu fui prum chá na casa de uma senhora da alta sociedade baiana. Depois do chá eu ia cantar. Ai me levaram do salão de chá pro salão de cantar que era um pouco mais escurinho. A dona da casa me pediu pra, antes de começar a cantar, dizer boa noite. Boa noite — Eu vou cantar um samba de roda. *Estava na beira do rio*
Esperando minha amada pra sambar
Eu sambei com ela sem saber o nome dela

*E eu namorei com ela sem saber o nome dela
E eu namorei com ela sem saber o nome dela
E eu casei com ela sem saber o nome dela
E eu deitei com ela sem saber o nome dela
E eu quebrei com ela sem saber o nome dela.*

SAMBAS DE RODA CANTADOS POR MARIA BETHANIA

1
*É de manhã
Vou buscar minha fulô
A barra do dia vem
O galo cocorocou.*

2
*Que menina é aquela
Que entrou na roda agora
Ela tem um remelexo
Que valha-me Deus, Nossa Senhora.*

3
*Seu Mané Nicolau, diz que bole, bole
Tirador de cipó, diz que bole, bole
Eu também sei tirar, diz que bole, bole
A letrinha do ó, diz que bole, bole
Olé, lélé, diz que bole, bole
Olé, le-á, diz que bole, bole
Faz o nome do padre, diz que bole-bole
E do filho também, diz que bole-bole
Faz o nome do Padre, diz que bole-bole
E do Filho também, diz que bole-bole
Bota as mãos na cadeira, morena
E faça o favor de mexer.*

4
*Doce é laranja
Azêdo é limão..
Doce é, doce é
Um beijinho de coração.*

5
*Quem vem lá
Sou eu
Sou eu
A cancela bateu
Cavaleiro sou eu.
Minha senhora, onde é que você mora
Vou fazer minha morada na beira do
morro, é lá,
É lá, é lá
Foi agora que eu cheguei, dona.*